

Medicamento pode ter efeito colateral

Com calores excessivos no verão passado, a analista de recursos humanos Miriam Aisen, 50 anos, começou a tratar-se com hormônios em janeiro deste ano, com uma injeção mensal no músculo. "Estranhei a sensação permanente de calor pelo corpo", conta. Procurou o seu ginecologista, que relacionou o súbito aquecimento corporal como indicativo da fase de transição para a menopausa. Três meses depois, veio o efeito colateral indesejável: pêlos no rosto e entre as mamas. Ela retornou ao médico, que recomendou novo medicamento com menor concentração hormonal, e sugeriu tratamento permanente.

"É para prevenção à osteopo-

rose e a outros inconvenientes físicos na menopausa", relata. Outro problema associado ao avanço dos anos levou Miriam Aisen a usar hormônios de uso local. Ela explica: "O ressecamento dos fluidos vaginais afetava a lubrificação e a relação sexual." Mas Miriam também trata de se cuidar, andando seis quilômetros todos os dias. "Sinto mais vigor", diz. Ela consegue manter o peso de 30 anos atrás: 51kg distribuídos por 1m63.

Via oral — Entre conhecidas que já vivenciam a menopausa, Miriam sente alguma resistência. "Algumas têm medo de desenvolver câncer e de engordar e adiam o momento de procurar o médi-

co", diz. Inicialmente temerosa, Eliseth Freitas, 54 anos, foi obrigada a aderir à terapia depois de submeter-se a uma estereotomia há 10 anos que retirou-lhe inclusive o ovário, numa fase ainda produtiva de estrogênio. O médico receitou-lhe hormônio em doses diárias via oral e em pomada vaginal. Receosa dos efeitos colaterais e alegando falta de tempo para rever o ginecologista, largou a medicação há quatro meses. "Os sintomas do início da menopausa voltaram, com dores nas articulações, pêlos no rosto e depressão", diz, decidida a voltar ao médico. A irmã, Solange, usa um emplastro na pele que libera gradualmente as dosagens hormonais. (S.G.)